

# Transgeracionalidade, Resiliência e Vínculo

Trabalho apresentado em Mesa Redonda na X Jornada Científica da SBPdePA.

Ana Rosa C. Trachtenberg

Membro Titular e Didata da SBPdePA.

## 1 Introdução

Entendo que a transmissão psíquica patológica entre as gerações – a transgeracional – ocorre quando há traumas pessoais, familiares ou sociais, conflitos, vergonhas, segredos, etc., na categoria do não elaborado em uma dada geração, que promoveram uma cisão do Ego com a formação de criptas hermeticamente fechadas (ABRAHAM, TOROK, 1995). O conteúdo e/ou os afetos dessas criptas passam de geração a geração – segunda, terceira, etc. – como fantasmas e mandatos, em uma telescopagem ou encaixe (FAIMBERG, 1996) de gerações, tal como podemos visualizar por meio das bonecas russas, as matrioskas.

São transmissões “brutas”, silenciosas, carentes de um espaço de transformação transformadora (KAES, 1996).

O *modus operandi* das referidas transmissões é o de movimentos identificatórios inconscientes, invasivos, de pais para filhos, descritos na literatura psicanalítica como identificações alienantes (FAIMBERG, 1996), entre outras denominações – todas elas variações de identificações projetivas.

Muitos autores concordam que o Complexo da Mãe-Morta – uma já clássica descrição de André Green (1988) – poderá delimitar uma transmissão transgeracional. Recentemente, Green (2005) declarou que, hoje em dia, a chamaria “mãe que está em outro lugar”, uma vez que o bebê vive a terrível experiência de uma mãe inacessível, que olha, mas não vê, e que denomino “mãe com um olhar transparente”.

Esse outro lugar, o lugar do não elaborado que ocupa a mente dessa mãe, pode ser um luto próprio (por exemplo, a perda de um filho), alheio (vergonha familiar, violências, etc.), podem ser severas patologias psiquiátricas ou derivadas de uma



situação social de violência (holocausto ou ditaduras/desaparecimento/violência urbana).

A transmissão transgeracional é uma transmissão psíquica geracional que, sob o ponto de vista da natureza e da essência do elo criativo entre as gerações, se tornou defeituosa, foi interrompida; as histórias de seus personagens estão colapsadas, pegadas umas às outras; encontram-se sob o predomínio da repetição e do narcisismo (TRACHTENBERG, 2005).

O tema da transmissão psíquica entre as gerações sugere que pensemos em diferentes repercussões possíveis ao longo do tempo, ou melhor, das gerações. Falamos de repercussões radioativas (GAMPEL, 2006) não previsíveis e dependentes, sempre, da multifatoriedade, já que nem todos os descendentes vão apresentar as mesmas características em seu desenvolvimento.

As patologias do vazio, drogadições, enfermidades psicossomáticas, psicoses, transtornos narcísicos, entre outras, são muito frequentes nas gerações afetadas por fenômenos transgeracionais. Entretanto, alguns sujeitos conquistam a condição de 'neurose comum' ao se utilizarem de novos movimentos psíquicos que lhes abrem perspectivas de saída da prisão aos mandatos originados em gerações anteriores.

Proponho-me, neste trabalho, apenas tentar fazer alguma articulação entre transgeracionalidade, resiliência e vínculos, elementos que funcionam como um divisor de águas no destino das gerações afetadas.

A clássica fórmula de Freud de 1917 – Equação Etiológica ou Séries Complementares – necessita ser revisitada à luz da expansão da metapsicologia que tais fenômenos impõem: NEUROSE = CONSTITUIÇÃO + VIVÊNCIAS INFANTIS + VIVÊNCIAS DO ADULTO.

Incluo desde já as questões do transgeracional (dos mandatos, das identificações alienantes), bem como as do intergeracional dentro das vivências infantis, mesmo que tenhamos de abrir uma discussão com Freud, que disse que “as disposições constitucionais são [...] a seqüela que as vivências de nossos antepassados deixaram” (FREUD, 1917, p. 329).

## 2 Resiliência e Vínculo

A ideia de resiliência parte da Física e está relacionada à capacidade de um determinado material voltar a seu estado físico anterior depois de um choque traumático. Um exemplo poderia ser o dos carros modernos, construídos para absor-

ver o impacto e retornar (parcialmente) à sua forma original. Está claro que não podemos manter esse modelo para pensar o humano, dado que não retornamos ao nosso estado anterior (psíquico, físico, etc.) depois de uma experiência, seja ela traumática ou não.

Entendo resiliência, em acordo com Cyrulnik (2001), como um processo, e não como um catálogo de qualidades. É “a arte de navegar nas torrentes”, é um dever, e pode dar-se a qualquer momento da vida. Não é uma vacina contra o sofrimento, tampouco um estado adquirido e imutável, mas sim um caminho a ser percorrido. (Essa ideia não se liga à de sublimação, que está reservada ao destino das pulsões e não é o objetivo da presente reflexão).

Tendo em conta a Equação Etiológica de Freud, poderíamos dizer que a recuperação depois de uma situação traumática guarda relação de dependência com o constitucional e também com os recursos interiores adquiridos na infância e/ou em outros momentos fundamentais do psiquismo, e, portanto, ligados aos objetos internos (representação), bem como à história e à pré-história, partes integrantes das vivências infantis.

Entretanto, ainda me resulta insuficiente para poder pensar no destino dos sujeitos e/ou das famílias com histórias ou pré-histórias traumáticas não elaboradas. Na tentativa de vislumbrar transformações psíquicas, entendo como fundamental acrescentar à clássica fórmula freudiana a capacidade do sujeito de participar e construir vínculos.

### 3 Vínculos

Pensemos em modelos que expandem a subjetivação aos primeiros anos de infância, ao complexo de Édipo, aos objetos internos e às representações. Refiro-me aos autores Isidoro Berenstein (2009) e Janine Puget (2009), que pensam a vincularidade, a relação entre sujeitos e entre os membros de uma família, como constitutivos por meio da presença de um outro. Esse outro (específico), e não um outro (inespecífico), promove marcas e se deixa marcar pela presença. Essas presenças, que penetram no “eu”, serão, portanto, promotoras de novas subjetividades ao longo da vida dos sujeitos, enquanto houver permeabilidade ao novo, ao diferente – escapando do narcisismo, que a tudo iguala. Assim, um novo psiquismo nasce ou se funda permanentemente a partir dos vínculos.

A presença é essa qualidade-sorte de evidência do outro que incide fortemente em mim como sujeito, ou se é minha incide no outro – que impõe a mim e a ele uma marca, me modifica e o modifica (BERENSTEIN, 2004).

Desejo esclarecer que aqui o termo vínculo, polissêmico na atualidade, obedece ao sentido específico que os referidos autores utilizam: produção de relações entre sujeitos, a partir das quais uns sucedem outros (sujeitos), que necessita da presença e não ocorre por representação.

Alguns vínculos favorecem o aparecimento dos suportes da resiliência (CIRULNIK, 2001), já que o sujeito não é resiliente por si próprio, mas depende de encontrar outro para se tornar resiliente: uma professora que devolveu a esperança, um treinador, um amigo, um irmão, um psicanalista, etc. que possa exercer uma espécie de penetração no sujeito do trauma, a fim de que, juntos, possam criar algo novo, num trabalho de vínculo; uma nova experiência que seja suficientemente capaz de gerar novas marcas.

Isso se opõe a uma espécie de hiperpresença invasora – identificações alienantes, transgeracional – muitas vezes repetindo a situação traumática, perpetuando situações que geralmente encontramos como sendo sem saída, caracterizando os sobreviventes, prisioneiros de marcas do passado, em especial quando a isso se soma um forte obstáculo ao estabelecimento de vínculos.

Conceitos como os de transgeracionalidade, resiliência e vincularidade são importantes para discutir se os sujeitos ou as famílias resultam sobreviventes ou resilientes, especialmente em muitas situações de traumatismos individuais, familiares, sociais ou traumatismos da história da humanidade (TRACHTENBERG, 2009) e ao longo das gerações.

O estabelecimento de novas marcas no psiquismo, a partir da presença e do vínculo, representa o forte potencial transformador para que alguém suceda outro. Poderíamos dizer, novamente, que seria um divisor de águas entre aquilo que estamos chamando de Sobreviventes e Resilientes, sendo que os últimos se aproximam do conceito de neurose, neurose comum, como dizia Freud, que afasta os sujeitos das psicoses ou outras patologias graves.

A partir dessas ideias agora colocadas, já podemos re-visitar a Equação Etiológica de Freud, acrescentando o conceito de Vínculo à clássica, rica e fundamental fórmula do corpo teórico da Psicanálise, desdobrando-a tal como segue, e especialmente para seguir pensando.

Em um novo desenho, teríamos, então:

RESILIENTES (NEUROSE) = CONSTITUIÇÃO + VIVÊNCIAS INFANTIS  
(transgeracional/intergeracional) + VIVÊNCIAS DO ADULTO + VÍNCULOS  
OU  
SOBREVIVENTES (PATOLOGIAS GRAVES) = CONSTITUIÇÃO + VIVÊNCIAS INFAN-

TIS (transgeracional/intergeracional) + VIVÊNCIA ADULTO + OBSTÁCULO AO ESTABELECIMENTO DE VÍNCULOS

## Referências

- ABRAHAM, N.; TOROK, M. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995. Original publicado em 1987.
- BERENSTEIN, I. **Devenir Outro com Outro(s)**. Ajenidad, presencia, interferência. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Experiencia Vincular y sus Presupuestos**. São Paulo: FEPAL, 2009. Trabalho apresentado no 2º Encuentro Comité Familia y Casal – FEPAL, septiembre 2009.
- CYRULNIK, B. **Resilência** – essa inaudita capacidade de construção humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- FAIMBERG, H. El telescopaje de las generaciones. In: KAES, R.; ENRÍQUEZ, M.; FAIMBERG, H. **Transmisión de la vida psíquica entre generaciones**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- FREUD, S. (1916-1917). Conferencias de Introducción al psicoanálisis (parte III). In: \_\_\_\_\_. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. XVI.
- GAMPEL, Y. **Esos Padres que Viven a través de Mí**: la violencia de estado y sus secuelas. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Ideas Directrices para un Psicoanálisis Contemporáneo**: desconocimiento y reconocimiento del inconsciente. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.
- KAËS, R. Introducción: el sujeto de la herencia. In: KAES, R.; ENRÍQUEZ, M.; FAIMBERG, H. **Transmisión de la vida psíquica entre generaciones**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- PUGET, J. **Experiencia Vincular y sus Presupuestos**. São Paulo: FEPAL, 2009. Trabalho apresentado no 2º Encuentro Comité Familia y Casal – FEPAL, septiembre 2009.
- TRACHTENBERG, A. R. C. et al. **Transgeracionalidade**: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. Porto Alegre: Casa do Psicólogo, 2005.
- TRACHTENBERG, A. R. C. História de traumatismos e traumatismos da história. **Psicanálise**: Revista da SBPdePA, v. 11, n 1, 2009.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Ana Rosa C. Trachtenberg  
Rua Mostardeiro, 05 / 806  
90430-001 Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: anarosact@terra.com.br